

briga

conteúdos



editorial

Sete meses vam lá desde a celebraçom do Congresso Nacional Constituinte de BRIGA. Desde entom, as cidades da Galiza fôrom testemunhas da pegada que a organizaçom deixou e está a deixar, desde A Corunha até Ponte Vedra, desde a Marinha até Trasancos. A nossa entrada no cenário político saldou-se já com juíços a militantes e ataques dos meios de comunicaçom nos que se criminalizava a nossa actividade, primeiros passos do que será sem dúvida a linha a seguir para repremir à juventude da esquerda independentista. Durante este breve período, temos demonstrado suficiente capacidade militante como para permitir o desenvolvimento dum amplo abano de actividade, tendo em conta o pouco tempo que BRIGA leva actuando na rua. As campanhas de apresentaçom gravárom nos murais e paredes das localidades galegas as palavras "Direito à Rebeliom", cartom que assinalava sem ambagens qual ia a ser o nosso agir nos meses que seguírom. Denunciamos a precariedade laboral, a escalada imparável dos "acidentes" mortais em horas de trabalho, a imposiçom dumha sexualidade alheia e manufacturada para que @s moç@s consumamos, fôrom

outras das amostras da actividade juvenil que promovemos e levamos a cabo. A novidade dos conteúdos, tratamentos, e linhas de intervençom que seguimos está fora de toda dúvida, e conforma um novo jeito de entender o trabalho juvenil, desde inquestionáveis parâmetros de esquerda, feministas e independentistas. Após todo este tempo, fazia-se necessária a publicaçom das nossas posiçoms, a abertura dum espaço onde a reflexom sobre os problemas da juventude trabalhadora galega fora o eixo conductor e onde o objectivo último fora a superaçom dessas agressõms que a mocidade deste país sofremos. De aí a ediçom deste primeiro número do Xerfas. Neste momento no que apresentamos o nosso vozeiro, nom queremos cair na trampa do triunfalismo. Bem sabemos da enorme tarefa que fica por diante, somos conscientes da dificuldade da luta e dos seus custos, assim como da necessidade dumha melhora permanente da organizaçom, o aprofundamento nas vias de luta e de defesa contra esse projecto excluinte, racista, globalizador e caótico que é o capitalismo espanhol. Com esta reflexom, convidamos-te a ti, jovem galeg@, a unir-te à mocidade revolucionária.



actos

Quando lá polo mês de Outubro celebramos o Congresso Nacional Constituinte, as moças e moços que formamos BRIGA dixemos alto e claro que a mocidade galega estava disposta a lutar polos seus direitos, a demonstrar que aqueles que nos atribuem desmobilizaçom e conformismo están totalmente equivocados. Hoje, como nom podia ser doutro jeito, seguimos a dizê-lo, mas agora gritam connosco os muros e paredes de boa parte das vilas e

cidades da Galiza: "direito a rebeliom". Esta legenda é conhecida já polos centos de ruas onde as pintadas, cartazes e murais mostram às claras os desejos da juventude galega de exercer esse direito. BRIGA apresentou-se lá onde tinha que fazê-lo: nas ruas, o espaço que nos pertence e ao que pertencemos, o lugar que deverá conhecer todas e cada umha das nossas luitas.

NOVEMBRO

BRIGA convocou umha concentraçom de solidariedade com o povo iraquiano e palestiano em Ferrol junto com diversas organizaçoms políticas e sociais da cidade.

BRIGA participa das diferentes concentraçoms e manifestaçoms que tanto a nível comarcal como nacional tem convocado a MMM

Durante o mês de Dezembro a propaganda da campanha institucional "está nas tuas maos" foi sabotada sistematicamente com cartazes e pintadas sob a legenda *Por um trabalho digno para a juventude. Acidentes laborais = Terrorismo patronal.*

DEZEMBRO

Umha veintena de militantes de BRIGA protagonizárom em Compostela um acto de protesta na sede da Confederaçom de Empresários Galega (CEG), entrando no edificio da entidade para ocupa-lo. BRIGA respostava deste jeito as últimas declaraçoms do presidente da CEG.

A comarca de Trasancos foi testemunha do mural que militantes realizárom entre os concelhos colindantes Narom e Ferrol. Esta foi mais umha das actividades desenvolvidas na campanha de apresentaçom sob a legenda *Direito à rebeliom.*

JANEIRO

Um grupo de encarapuçad@s "banhou de vermelho", ao lançar numerosos ovos de pintura o autocarro de propaganda da Constituiçom Europeia situado diante do concelho de Ponte Vedra.

O autocarro, enviado polo Governo espanhol numha "campanha informativa", longe de informar rigorosa e objectivamente se posiciona com descaro a favor do voto afirmativo

BRIGA celebrou umha concentraçom em apoio a um militante da organizaçom que ia declarar nos julgados de Compostela, acusado polo Concelho de realizar pintadas na zona velha e no ensanche da cidade durante a noite do 6 de Novembro de 2004.

Mais dum centenar de jovens assistírom ao concerto do grupo galego Mencer Vermelho e os madrilenos Mencer Vermelho que se celebrou na Sala Caimám da Corunha. Este concerto que é o primeiro organizado pola nossa organizaçom pretende ser o começo de umha série de iniciativas que procurem a promoçom de grupos e artistas galegos oferecendo, allás, à mocidade trabalhadora umha cultura de ocio alternativa à imposta pola burguesia espanhola.



FEVEREIRO

8 de Março, Dia da Mulher Trabalhadora, BRIGA participou em diversas concentraçoms e manifestaçoms que a Marcha Mundial de Mulheres tinha convocadas ao longo da Galiza.

A militância de BRIGA participou com faixa própria na manifestaçom do Dia da Classe Obreira Galega convocada pola CIG em Ferrol

Várias militantes de BRIGA concentrárom-se ante o Centro de Saúde de Fontinhas, Compostela, em protesto polo desleixo na atençom por parte das trabalhadoras do *Centro de Orientaçom Familiar (COF)* situado neste prédio.

Tivo lugar a Escola de Formaçom '05 organizada por AGIR e BRIGA em Salvaterra de Minho. O encontro iniciado por AGIR na primavera do 2004 e à que BRIGA se somou nesta ediçom desenvolveu-se nesta comarca do sul do país. O convívio, a formaçom e a reflexom fôrom as companheiras do mais de meio centenar de jovens galeg@s que no Condado levamos a cabo as diversas actividades programadas.

MARÇO



acidentes laborais, terrorismo empresarial

Correm maus tempos para a juventude trabalhadora. Nom é nem umha exageraçom nem um recurso estilístico, mas umha realidade que só podemos ver no jornal cada certo tempo, na televisom de jeito anecdótico, todos os dias na cidade onde moras. É o caso dos accidentes no trabalho, da precariedade laboral da juventude na Galiza, dos soldos de miséria e as jornadas maratonianas. Disso quase nem se fala. Factos como que a mocidade galega cobra muito menos por mais trabalho (no caso das moças, até um 27% menos que um moço), ou que possui umha taxa de contrataçom temporária altíssima (duas/dous de cada três moç@s de entre 20 e 24 anos trabalham com contratos de três meses de duraçom média), som ignorados, melhor dito, som ocultados sistematicamente.

As arrepiantes cifras de "acidentes" multiplicam-se por dous em idades compreendidas entre os 18 e 24 anos. Somos nós, a mocidade galega, quem fornece maioritariamente as filas de trabalhadoras/es mort@s todos os anos. Esta é umha realidade que os governos espanhol e autonómico nom só nom fórom quem de impedir mas permitirom a sua proliferaçom. A legislaçom ambigua e permisiva emitida por estes governos vendidos som o que as empresas e proprietários demandam para pouparem importantes gastos em segurança, idemnizaçoms, contratos indefinidos, etc... Existe um perfil médio da pessoa que sofre um acidente laboral: jovem de entre 16 e 25 anos, cum contrato de trabalho inferior a seis meses.

Tu sabes de que vai todo isto. Mais alá dos dados e percentagens que só representam de longe a realidade, conheces perfectamente o que estamos a falar. Sofre-lo na pele, porque o vives a diário, e

de um modo dramático. Desde a prepotência e autoritarismo do teu chefe, até a merda de salário, mais baixo ainda se és umha mulher, que te impede ir-te a viver só e te obriga a depender dos teus pais, passando por trabalhos perigosos para a tua saúde ou a tua integridade física, contra os que parece que nom há queixa possível. Ou aturas isto, ou a rua.

Som as construtoras, as indústrias, as fábricas têxteis, as ETT's, os proprietários de locais nocturnos e restaurantes, as grandes superficies comerciais quem tiram talhada da falta de segurança no trabalho, dos baixos salários, das 13 e 14 horas diárias de trabalho, as grandes beneficiadas de que milés de operári@s fiquem ferid@s, de que dúzias de homens e mulheres morram cada ano para enriquecerem aos mesmos que @s condenam a essa roleta russa que pode disparar-se em qualquer momento. Por enquanto, o governo autonómico do PP e o estatal do PSOE tratam de exculpar a responsabilidade directa que temem nas mortes que se produzem ano após ano, a sua evidente culpa ao desviarem a atençom dos verdadeiros responsáveis desta situaçom.

A força para fazer que isto mude temo-la nós, a juventude combativa e insurrecta que diz nom, a que nom permite que estas engrenagens disfarçadas com verborreia mentireira triturem a sua consciéncia. BRIGA nom permitirá que se lhe lave a face deste jeito a quem está empregando jovens como se fossem artigos descartáveis, mais umha cifra a riscar nos beneficios empresariais a fim de mês. Para evitá-lo, pensa tomar as medidas necessárias para respostar com contundéncia e sem medos aos culpáveis desta situaçom.



campanhas ■

29 de Maio
que se vaiam!

O vindouro 29 de Maio o exército espanhol celebra o seu dia grande, "El día de las fuerzas armadas", com umha parada militar que terá lugar na cidade da Corunha. Diante desta provocaçom a juventude da esquerda independentista nom pode ficar impassível e lá estaremos para demonstrar aos militares espanhóis que na Galiza ainda fica quem os considera um exército estrangeiro, umha auténtica força militar de ocupaçom imperialista que deve liscar quanto antes do nosso país.

Nós nom esquecemos que este exército é o mesmo que no ano 1936 apoiou o golpe de estado que derivou na ditadura fascista, da que foi fiel sustento. O mesmo exército para o que milhares de jovens galegos fórom recrutados à força até há bem pouco tempo para dar o seu sangue por Espanha, sangue que foi deitado em nom poucas ocasioms desde o século XIX em África, Cuba, Filipinas... E por suposto, também é o mesmo exército ao que a vigorante constituíçom do Reino de Espanha outorga o papel de garantir a unidade territorial do estado como fica reflectido no seu artigo VIII, aquele do que tanto gosta o ministro José Bono como tem manifestado nalgumha ocasiom de jeito público.

Hoje a propaganda do exército quer ocultar-nos a realidade apresentando o nosso país como um viveiro de soldados. Mas ainda nas condiçoms actuais, em que nom som pouc@s @s jovens que decidem alistar-se no exército profissional como alternativa à precariedade laboral e ao desemprego, o estado continua a ter dificuldades para cobrir as vagas que oferta. Por trás dos anúncios na TV, dos painéis publicitários, das ofertas económicas, das mentiras da propaganda, nom é difícil albiscaar que na Galiza continua a ser maioritária a hostilidade contra o exército espanhol.

Bem for de um jeito instintivo ou consciente, a maior parte d@s galeg@s acreditamos que o exército só serve aos interesses dos amos do capital. Quer na sua vertente externa, como instrumento para empregar contra outros estados capitalistas ou para impor as condiçoms de exploraçom do colonialismo, quer na sua vertente interna, para disuadir as classes oprimidas e exploradas de qualquer tentativa de mudançom da ordem social. E nisso o exército espanhol é igual que todos os exércitos ao serviço de estados capitalistas no mundo inteiro.

Por isto mesmo a nossa oposiçom nom a defendemos desde as posturas exclusivamente patrióticas, nem desde as do pacifismo abstracto, senom que se alicerça numha análise da realidade libertada de idealismos. Nós estamos contra o exército espanhol e contra qualquer outra estrutura militar ao serviço do capitalismo no mundo porque som instituíçoms criadas para exercerem a violéncia contra @s explorad@s.

O exército espanhol continua a ser, como nos tempos da ditadura de Franco e desde muito antes, umha instituíçom hierárquica e reaccionária que dentro e fora das fronteiras estatais defende os interesses de uns poucos privilegiados. Bem o sabemos os galegos e as galegas, mas também bem o sabem iraquian@s, bosni@s, afgaos/as...

É por todo isto polo que nom queremos que o militarismo espanhol se passeie nom alarde de chularia polas ruas de umha das nossas cidades. É por isto que queremos que se vaiam.

breves ■



comité galego na clausura da ediçom de 1997 (Cuba)

Jovem e mulher, prototipo da precariedade laboral na Galiza

Segundo um recente estudo da CIG, o 46% d@s trabalhadoras/es galeg@s reúne as condiçoms básicas da precariedade, como som o contrato eventual, condiçoms salariais que nom se correspondem com o pactuado e obriga de trabalhar mais horas das estipuladas sem cobrá-las.

Nom só isso, o perfil típico d@ trabalhador/a galeg@ é umha mulher nova, que se incorpora ao mercado laboral em sectores como a hotelaria, serviçoms ou têxtil, com um contrato a tempo parcial mas que fai umha jornada completa sem cobrá-la.

BRIGA que já denunciou em campanhas, concentraçoms e publicaçoms esta situaçom, anima a juventude galega consciente a continuar com esta luta em que nos jogamos tudo.



Solidariedade com a juventude basca

Desde há semanas quase meio cento de jovens basc@s, militantes de Jarrai, Segi e Haika, estão a ser julgados polo Estado espanhol por estarem organizad@s, por defenderem a independéncia e o socialismo para o seu povo trabalhador, polo simples facto de nom se renderem ante a ocupaçom e reclamarem o seu direito à autodeterminaçom, por se negarem a ser mao de obra barata, por pertencerem, em definitiva, à juventude mais consciente, combativa e lúcida do País Basco.

BRIGA quer transmitir todo o seu apoio à juventude basca, além da sua repulsa à repressom que o Estado espanhol está a disfarçar de processo jurídico.

XVI Festival Mundial da Juventude e o Estudantado

Na primeira quinzena deste mês de Agosto de 2005 terá lugar na cidade de Caracas, na Venezuela, a celebraçom do XVI Festival Mundial da Juventude e o Estudantado que se desenvolverá sob a legenda *Para a Paz e a Solidariedade, luitemos contra o Imperialismo e a Guerra*. Este evento é o ponto de encontro para as mocidades das esquerdas revolucionárias de povos de todo o mundo, o foro em que se trocam as diferentes experiéncias políticas, as estratégias e luitas das mocidades da esquerda a nível mundial.

BRIGA quer fazer pública a sua intençom de participar neste encontro político internacional, levando as posiçoms da esquerda independentista galega e a sua prática política às ruas da capital venezuelana.



Nove jovens morrem em acidentes de tráfico durante as férias de primavera

Onze pessoas morrerom durante as férias de Primavera na Comunidade Autónoma Galega (CAG), dos quais nove eram jovens galeg@s de entre 16 e 27 anos. Segundo um estudo realizado recentemente pola *Dirección General de Tráfico* o perfil das pessoas que sofrérom accidentes entre 1999 e 2003 é o de um/ha jovem condutor/a de um carro ou de umha moto que numha "jornada festiva" percorre 50 km ou mais por motivos de lazer.

Desde as instituíçoms espanholas e desde os meios de comunicaçom da burguesia nom cansam de apontar como causas dos accidentes o excesso de velocidade e falta de "sentidinho", a falta de experiéncia na conduçom ou no caso de serem camioneir@s ou outr@s operári@s do transporte na falta de responsabilidade d@s mesm@s por nom folgarem o suficiente.

Porém a causa de que os accidentes de tráfico sejam o primeiro e maior motivo de morbimortalidade d@s jovens galeg@s é bem distinta à apontada.

O capitalismo espanhol é o verdadeiro responsável dos milés de accidentes que se produzem na Galiza. O capitalismo espanhol fecha os olhos ante esta realidade e nom só nom pom remédio ao constante incremento da fabricaçom de carros senom que a promove, nom fomenta o transporte alternativo e público senom que aposta claramente polo transporte privado, nom aposta polo consumo sustentável de energia senom polo esbanjamento irresponsável das energias nom renováveis, nom encarcera os verdugos, os empresários que se saltam a lei, senom que culpa as vítimas, os/as trabalhadores/as explorad@s.

